



elefante
EDITORA

conselho editorial

Bianca Oliveira
João Peres
Tadeu Breda

edição

Tadeu Breda

assistência de edição

Natalia Engler

preparação

Daniela Fernandes Alarcon

revisão

Laura Massunari

projeto gráfico

Leticia Quintilhano

capa


Bianca Oliveira

diagramação

Denise Matsumoto

tradução
Bhuvi Libanio

bell hooks



ensinando **crítico**
pensamento **prática**
sabedoria

ensinamento 1 o pensamento crítico

Na capa da minha autobiografia, *Bone Black*,² há uma fotografia de quando eu tinha três ou quatro anos de idade. Estou segurando um brinquedo feito durante os estudos bíblicos de férias, um livro em formato de pomba. Com frequência, brinco dizendo que essa fotografia poderia ser intitulada “um retrato da intelectual quando garota” — minha versão de *O pensador*. A menina no retrato olha intensamente para o objeto em suas mãos; sua expressão, um estudo sobre concentração intensa. Observando a fotografia, consigo ver a garota pensar. Consigo ver sua mente trabalhando.

Pensar é uma ação. Para todas as pessoas que pretendem ser intelectuais, pensamentos são laboratórios aonde se vai para formular perguntas e encontrar respostas, o lugar onde se unem visões de teoria e prática. O cerne do pensamento crítico é o anseio por saber — por compreender o funcionamento da vida. Crianças têm, organicamente, predisposição para o

2. *Bone black*, ou “carvão de osso” (também conhecido como “carvão de animal”), é o resíduo resultante da queima de ossos de animais. É utilizado como pigmento ou em processos químicos para descontaminação por absorção. [N.T.]

pensamento crítico. Ultrapassando as fronteiras de raça, classe social, gênero e circunstância, crianças entram no mundo do maravilhamento e da linguagem preenchidas pelo desejo por conhecimento. Algumas vezes, elas anseiam tanto por conhecimento que se tornam interrogadoras incansáveis — exigem saber quem, o quê, quando, onde e o porquê da vida. Em busca de respostas, aprendem, quase instintivamente, a pensar.

Infelizmente, a paixão das crianças por pensar termina, com frequência, quando se deparam com um mundo que busca educá-las somente para a conformidade e a obediência. A maioria delas é ensinada desde cedo que pensar é perigoso. É lamentável o fato de que essas crianças param de gostar do processo de pensar e começam a ter medo da mente pensante. Seja em casa, com pais e mães que ensinam (de acordo com um modelo de disciplina e castigo) que é melhor escolher obediência em vez de consciência de si mesmo e autodeterminação, seja em escolas onde o pensamento independente não é um comportamento aceitável, a maioria das crianças em nossa nação aprende a suprimir da memória a lembrança do pensamento como uma atividade apaixonante e prazerosa.

Quando os estudantes entram nas salas de aula da faculdade, a maioria deles já tem pavor de pensar. Os estudantes que padecem desse medo vão às aulas supondo, com frequência, que não será necessário pensar, que tudo o que precisarão fazer é consumir informação e regurgitá-la nos momentos apropriados. Ao ascender nos espaços tradicionais do ensino superior, mais uma vez os estudantes se veem em um mundo onde o pensamento independente não é incentivado. Felizmente, há salas de aula onde determinados professores têm por objetivo educar como prática da liberdade. Nesses

espaços, o pensamento, mais especificamente o pensamento crítico, é o que importa.

Estudantes não se tornam pensadores críticos da noite para o dia. Primeiro, eles precisam aprender a aceitar a alegria e o poder do pensar propriamente dito. **A pedagogia engajada é uma estratégia de ensino que tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar e a vontade de alcançar a total autorrealização.** O foco central da pedagogia engajada é capacitar estudantes para pensar criticamente. No artigo “Critical Thinking: Why Is It So Hard to Teach?” [Pensamento crítico: por que é tão difícil ensiná-lo?], Daniel Willingham afirma que o pensamento crítico consiste em

enxergar os dois lados de uma questão, estar aberto para novas evidências que invalidam ideias imaturas, concluir com imparcialidade, exigir que argumentos sejam fundamentados em evidências, deduzir e inferir conclusões a partir de fatos disponíveis, solucionar problemas, e assim por diante.

Em termos mais simples, o pensamento crítico envolve primeiro **descobrir o “quem”, o “o quê”, o “quando”, o “onde” e o “como” das coisas** — descobrir respostas para as infindáveis perguntas da criança curiosa — **e então utilizar o conhecimento de modo a sermos capazes de determinar o que é mais importante.** O educador Dennis Rader, autor de *Learning Redefined* [O aprendizado redefinido], considera a capacidade de determinar “o que é significativo” como o cerne do processo do pensamento crítico. No livro *The Miniature Guide to Critical Thinking: Concepts and Tools* [Guia em miniatura para o pensamento crítico: conceitos e ferramentas], Richard Paul e Linda Elder

definem pensamento crítico como “a arte de analisar e avaliar o pensamento com o objetivo de aprimorá-lo”. Eles ampliam a definição, apresentando o pensamento crítico como “autônomo, autodisciplinado, automonitorado e autocorretivo”. Pensar sobre pensar, ou pensar conscientemente sobre ideias, é um componente necessário do pensamento crítico. Paul e Elder nos lembram que

Pensadores críticos têm lucidez quanto ao propósito apresentado e à pergunta em questão. Eles questionam informações, conclusões e pontos de vista. Eles se esforçam para ser claros, acurados, precisos e relevantes. Buscam pensar para além do superficial, procuram ser lógicos e justos. Utilizam essas habilidades na leitura e na escrita, assim como na fala e na escuta.

O pensamento crítico é um processo interativo, que exige participação tanto do professor quanto dos estudantes.

Todas essas definições abrangem a compreensão de que o pensamento crítico requer discernimento. É uma forma de abordar ideias que tem por objetivo entender as verdades centrais, subjacentes, e não simplesmente a verdade superficial que talvez seja a mais óbvia. Um dos motivos pelos quais a desconstrução ficou tão popular nos círculos acadêmicos é o fato de ela ter levado as pessoas a pensar muito, com intensidade e senso crítico; a destrinchar; a mergulhar sob a superfície; a trabalhar pelo conhecimento. Ainda que muitos pensadores críticos encontrem realização intelectual ou acadêmica nesse trabalho, isso não significa que os estudantes acolheram, universal e inequivocamente, o aprendizado do pensamento crítico.

A maioria dos estudantes resiste ao processo do pensamento crítico; ficam mais à vontade com o aprendizado que lhes permite permanecer passivos. O pensamento crítico exige que todos os participantes do processo em sala de aula estejam engajados. Professores que trabalham com zelo para ensinar o pensamento crítico com frequência se desanimam quando os estudantes resistem. Mas, quando o estudante aprende a habilidade do pensamento crítico (e, em geral, são poucos os que aprendem), a experiência é verdadeiramente recompensadora para ambas as partes. Quando ensino estudantes a serem pensadores críticos, espero compartilhar, servindo de exemplo, o prazer de trabalhar com ideias e o prazer do pensamento como ação.

Manter a mente aberta é uma exigência essencial do pensamento crítico. Com frequência, falo de abertura radical, porque ficou nítido para mim, depois de anos em espaços acadêmicos, que é fácil demais se apegar ao próprio ponto de vista e protegê-lo, descartando outras perspectivas. Grande parte da formação acadêmica incentiva os professores a acreditar que devem estar “certos” o tempo todo. Em vez disso, proponho que os professores estejam abertos o tempo todo, e devemos estar dispostos a reconhecer o que não sabemos. Um compromisso radical com a abertura mantém a integridade do processo do pensamento crítico e seu papel essencial na educação. Esse compromisso exige muita coragem e imaginação. Em *From Critical Thinking to Argument: A Portable Guide* [Do pensamento crítico ao argumento: um guia portátil], os autores Sylvan Barnet e Hugo Bedau ressaltam que “o pensamento crítico exige de nós o uso de nossa imaginação, enxergando as coisas de pontos de vista diferentes do nosso, prevendo as consequências prováveis do

nosso posicionamento". Portanto, o pensamento crítico não faz exigências apenas aos estudantes, mas também pede que professores demonstrem por meio de exemplos que aprender do ativo significa que não é possível todos nós estarmos certos em todos os momentos e que a forma do conhecimento está em constante mudança.

O aspecto mais empolgante do pensamento crítico na sala de aula é que ele pede a iniciativa de todas as pessoas, convidando ativamente todos os estudantes a pensar com intensidade e a compartilhar ideias de forma intensa e aberta. Quando todas as pessoas na sala de aula, professores e estudantes, reconhecem que são responsáveis por criar juntos uma comunidade de aprendizagem, o aprendizado atinge o máximo de sentido e utilidade. Em uma comunidade de aprendizagem assim, não há fracasso. Todas as pessoas participam e compartilham os recursos necessários a cada momento, para garantir que deixemos a sala de aula sabendo que o pensamento crítico nos empodera.

ensinamento 2 educação democrática

Enquanto eu crescia nos anos 1950, quando as escolas ainda eram segregadas e as sementes da luta por direitos civis eram espalhadas silenciosamente, as pessoas conversavam sobre o significado e o valor da democracia. Era assunto tanto para conversas em público quanto para conversas privadas. Homens negros que, como meu pai, combateram durante a Segunda Guerra Mundial na infantaria formada apenas por negros voltaram para casa desiludidos com a nação que os havia enviado para lutar e morrer “a fim de manter o mundo seguro para a democracia” enquanto lhes negava direitos civis. Essa desilusão não os levou ao desespero; serviu como catalisador para que lutassem no front interno com vistas a tornar nossa nação verdadeiramente democrática. Durante o ensino médio, participei do *Voice of Democracy* [Voz da democracia], concurso de artigos organizado como parte de programas de bolsas de estudo. Em meus textos, expressava com vigor a opinião de que nosso país era uma grande nação, a melhor do mundo, porque os Estados Unidos tinham compromisso com a democracia. Escrevi que todos os cidadãos precisavam assumir a responsabilidade de proteger e manter a democracia. Assim como a várias crianças negras, ensinaram-me que um dos mais

importantes aspectos da nossa democracia era que ela garantia o direito à educação para todas as pessoas, independentemente de raça, gênero ou classe social.

Há poucos debates entre os estudantes de hoje sobre a natureza da democracia. Atualmente, a maioria dos estudantes simplesmente presume que viver em uma sociedade democrática é seu direito inato; eles não acreditam que devem trabalhar para mantê-la. Talvez nem associem democracia ao ideal de igualdade. Na mente deles, os inimigos da democracia são sempre e somente um “outro” estrangeiro, à espreita para atacar e destruir a vida democrática. Eles não leem os pensadores estadunidenses do passado e do presente que nos ensinam o significado da democracia. Eles não leem John Dewey.³ Não conhecem sua poderosa declaração, segundo a qual “a democracia deve renascer a cada geração, e a educação é sua parceira”. Ressaltando a necessidade de alinhar educação escolar com valores democráticos, James Beane e Michael Apple parafrasearam John Dewey no livro *Democratic Schools* [Escolas democráticas] para explicar que, “se as pessoas devem assegurar a democracia e manter um modo de vida democrático, elas precisam ter oportunidade de aprender o que significa esse modo de vida e como ele deve ser conduzido”. Quando grupos de cidadãos estadunidenses desprovidos de direitos atuaram para transformar todas as instituições educacionais, a fim de que todas as pessoas pudessem acessá-las de modo igualitário — pessoas não brancas e mulheres brancas, junto a aliados na luta —, havia um discurso nacional dinâmico sobre valores democráticos. Seguindo aquele discurso,

3. John Dewey (1859-1952), filósofo estadunidense. [N.E.]

os educadores foram considerados portadores essenciais de ideais democráticos. No cerne desses ideais estava um compromisso profundo e contínuo com a justiça social.

Vários desses aliados na luta eram homens brancos que, em virtude das circunstâncias e de privilégios, estiveram na vanguarda dos movimentos para transformar a educação em um espaço em que ideais democráticos seriam sempre realizados. Ainda assim, muitos desses proponentes de valores democráticos estavam divididos. Na teoria, expressavam a crença de que todas as pessoas deveriam ter o direito de aprender; no entanto, na prática, ajudavam a manter hierarquias dentro das instituições educacionais, onde grupos privilegiados tinham vantagens. Assim como Thomas Jefferson,⁴ que contribuiu muito para o avanço da democracia, eles tinham a mente dividida. Apesar de Jefferson ter proclamado a necessidade de “educar e informar a massa”, boa parte de seu trabalho revelou sua mente dividida. Por um lado, ele era capaz de escrever e falar com eloquência sobre a necessidade de apoiar o espírito da democracia e da igualdade; por outro, possuía escravos e negava direitos humanos básicos a pessoas negras. Apesar dessas contradições, Jefferson não hesitava em sua crença de que se envolver com a mudança era crucial para o “progresso da mente humana”. Ele escreveu: “Conforme ela se torna mais desenvolvida, mais iluminada, conforme novas descobertas são feitas, novas verdades reveladas, e costumes e opiniões mudam, com a alteração das circunstâncias, instituições também devem

4. Thomas Jefferson (1743-1826) foi o terceiro presidente dos Estados Unidos (1801-1809). É considerado um dos “pais fundadores” da nação e o principal autor da Declaração de Independência do país. [N.E.]

avançar, para acompanhar o ritmo do tempo". É certo que, à medida que a crítica aos valores patriarcais imperialistas capitalistas supremacistas brancos se popularizava, a educação e a formação escolar começaram a passar por transformações profundas e radicais.

A conservadora cultura do dominador reagiu a essas mudanças com ataques a políticas públicas, como as ações afirmativas que haviam proporcionado meios para que instituições de nível superior incluíssem segmentos da população desprovidos de direitos. Conseqüentemente, as portas para a educação, que haviam sido abertas, permitindo a entrada de pessoas sem direitos, estavam se fechando. O crescimento subsequente das escolas particulares enfraqueceu as escolas públicas, enquanto o ensino voltado a testes e provas reforçou a discriminação e a exclusão, de modo que a segregação com base em raça e classe social não demorou a se tornar a norma. Em todas as frentes, o financiamento para a educação foi cortado. Professores progressistas que haviam lutado por uma mudança radical foram simplesmente comprados. Status e salários altos os incentivaram a se juntar ao mesmo sistema que um dia trabalharam com tanto afincio para dismantelar.

Nos anos 1990, os estudos afro-estadunidenses, os estudos sobre mulheres e os estudos culturais foram reformulados para deixarem de ser espaços progressistas dentro dos sistemas educacionais, nos quais se pudesse debater liberdade e democracia; foram, em sua maioria, desradicalizados. E os espaços onde não houve desradicalização se tornaram guetos, considerados um *playground* para estudantes que quisessem assumir uma *persona* radical. Hoje, professores que se recusam a obedecer a desradicalização são frequentemente marginalizados ou até

mesmo incentivados a deixar a academia. Nós que ficamos, que continuamos a trabalhar na educação para a prática da liberdade, assistimos em primeira mão aos modos como a educação democrática está sendo enfraquecida, à medida que os interesses dos grandes negócios e do capitalismo corporativo incentivam os estudantes a olhar para a educação somente como meio de alcançar sucesso material. Esse pensamento torna a aquisição de informação mais importante que a obtenção de conhecimento ou o aprendizado do pensamento crítico.

O princípio da igualdade, que está no cerne dos valores democráticos, faz pouquíssimo sentido em um mundo dominado por uma oligarquia global. Utilizando a ameaça de ataques terroristas para convencer os cidadãos de que liberdade de expressão e protesto põem nossa nação em risco, governantes do mundo inteiro estão integrando políticas fascistas que enfraquecem a democracia em todas as frentes. Ao explicar que "o **capitalismo não precisa mais da democracia**", em seu poderoso e polêmico *Como os ricos destroem o planeta*, Hervé Kempf argumenta:

Assim, a democracia se torna antinômica em relação aos objetivos da oligarquia: ela favorece a contestação dos privilégios indevidos, alimenta o questionamento dos poderes ilegítimos, estimula uma avaliação racional das decisões tomadas. Torna-se, então, cada vez mais perigosa em um período em que as tendências nefastas do capitalismo se manifestam mais abertamente.

Agora, mais do que nunca em nossa nação, precisamos que educadores transformem as escolas em espaços onde as condições para a consciência democrática possam se estabelecer e florescer.

Em nossa nação, os sistemas educacionais têm sido o principal espaço onde liberdade de expressão, divergências e opiniões plurais são valorizadas na teoria e na prática. Em sua importante análise sobre esse assunto, *Wrestling with the Angel of Democracy: On Being an American Citizen* [Lutando contra o anjo da democracia: sobre ser cidadão estadunidense], Susan Griffin nos lembra que “manter o espírito da democracia vivo exige uma contínua revolução”. Em sua profunda reflexão sobre a democracia, *The Healing of America* [A cura dos Estados Unidos], Marianne Williamson chama atenção para os modos como o princípio democrático da união na diversidade permanece sustentando os valores democráticos:

Há pessoas nos Estados Unidos que enfatizam demais nossa união, mas não conseguem compreender a importância de nossa diversidade, assim como há aquelas que enfatizam nossa diversidade, mas não conseguem compreender a importância de nossa união. Há que se honrar ambas. Nossa união e nossa diversidade importam, e o relacionamento entre elas reflete uma verdade filosófica e política fora da qual não é possível vivermos.

Griffin faz ecoar esses sentimentos: “Em uma democracia, vários pontos de vista diferentes sobre todo e qualquer assunto possível serão expressos, e quase todos devem ser tolerados. Esse é um dos motivos pelos quais sociedades democráticas são, em geral, pluralistas”. O futuro da educação democrática será determinado pela dimensão da vitória dos valores democráticos sobre o espírito da oligarquia que busca silenciar vozes diversas, proibir a liberdade de expressão e negar a cidadãos o acesso à educação.

Educadores progressistas continuamos a honrar a educação como prática da liberdade porque sabemos que a democracia prospera em ambientes onde o aprendizado é valorizado, onde a habilidade de pensar é marca de cidadania responsável, onde a liberdade de expressão e o desejo de dissentar são aceitos e incentivados. Griffin argumenta:

O fato de pessoas que contribuem para a consciência democrática transgredirem as fronteiras de preconceitos e de pressupostos é coerente com o profundo desejo de liberdade de expressão e de pensamento, não apenas como ferramentas nas eternas batalhas por poder político que acontecem em todas as eras, mas de um impulso democrático ainda mais fundamental, o desejo de ampliar a consciência.

A educação democrática se baseia no pressuposto de que a democracia funciona, de que é a base de todo ensino e toda aprendizagem genuínos.

ensinamento 3 pedagogia engajada

A pedagogia engajada começa com o entendimento de que aprendemos melhor quando há interação entre estudante e professor. Como líderes e facilitadores, professores devem descobrir o que os estudantes sabem e o que precisam saber. Essa descoberta só acontece se os professores estiverem dispostos a engajar os estudantes para além da superficialidade. Como professores, podemos criar um clima ideal para o aprendizado se compreendermos o nível de consciência e inteligência emocional dentro da sala de aula. Isso significa que precisamos dedicar tempo à avaliação de quem estamos ensinando. Quando comecei a trabalhar em sala de aula, assim como vários professores, minha maior preocupação, quiçá obsessão, era se uma quantidade substancial de informações seria ou não abordada. Para ter certeza de que daria tempo de trabalhar em sala de aula o material que eu acreditava ser realmente importante, eu evitava reservar um tempo para que os estudantes se apresentassem ou compartilhassem algumas informações sobre sua origem, seus desejos e sonhos. No entanto, notei que, quando eu proporcionava tempo para as pessoas se conhecerem, a energia da sala de aula ficava mais positiva e mais propícia ao aprendizado.

Sabendo tudo que sei hoje, depois de trinta anos de sala de aula, não começo a dar aulas, no contexto que for, sem antes criar as bases para construir uma comunidade em classe. Para fazer isso, é essencial que professor e estudantes tenham tempo para conhecerem uns aos outros. Esse processo pode começar com simplesmente ouvir a voz de cada pessoa quando ela se apresenta. Da primeira vez que me encontrei com o monge budista vietnamita Thich Nhat Hanh, fiquei admirada por ele insistir que, quando um estudante está na presença de um professor poderoso e perceptivo, pode-se aprender muita coisa antes mesmo de palavras serem ditas. Ele explicou: "Os chineses dizem que, 'quando nasce um sábio, a água presente no rio, nas plantas e árvores das montanhas do entorno fica mais clara e verdejante'". Ainda que Thay (Nhat Hanh) se refira a um professor espiritual, nós que já estivemos em sala de aula com professores incríveis sabemos que a presença deles ilumina.

Quando enxergamos a sala de aula como um lugar onde professor e estudantes podem compartilhar sua "luz interna", temos o caminho para vislumbrar quem somos e como podemos aprender juntos. Gosto de engajar as mentes e os corações dos estudantes fazendo exercícios simples de escrita, completando frases. Todos devemos escrever um parágrafo, em escrita espontânea, começando com algo do tipo "meu momento de maior coragem aconteceu quando...". Ou devemos levar um objeto pequeno para a aula e escrever um parágrafo curto sobre seu valor e sua importância. Ao ler esses parágrafos curtos em voz alta, uns para os outros, temos a oportunidade de ver e ouvir cada voz. A maioria dos professores sabe o que é se sentar em uma sala de aula com vinte ou mais estudantes, desejando

provocar diálogo, e ver que somente os mesmos dois ou três estudantes falam. O ato de escrever e ler parágrafos juntos reconhece o poder da voz de cada estudante e cria espaço para todas as pessoas falarem quando têm comentários significativos a fazer.

Nunca peço aos estudantes para fazerem em sala de aula um exercício de escrita que eu não esteja disposta a fazer. Minha disponibilidade para compartilhar, para expor meus pensamentos e minhas ideias, confirma a importância de expor pensamentos, de superar o medo e a vergonha. Quando todos nos arriscamos, participamos mutuamente do trabalho de criar uma comunidade de aprendizagem. Descobrimos juntos que podemos ser vulneráveis no espaço de aprendizado compartilhado, que podemos nos arriscar. A pedagogia engajada enfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula. Esse processo ajuda a estabelecer a integridade do professor e, simultaneamente, incentiva os estudantes a trabalharem com integridade.

O sentido na raiz da palavra "integridade" é inteireza. Assim, a pedagogia engajada cria uma sala de aula onde estar inteiro é bem-vindo, e os estudantes podem ser honestos, até mesmo radicalmente abertos. Podem nomear os medos, expor sua resistência a pensar, expressar-se e honrar os momentos em que tudo se conecta e o aprendizado coletivo acontece. Sempre que o aprendizado genuíno acontece, as condições para a autorrealização estão estabelecidas, mesmo quando não é esse o objetivo de nosso processo de ensino. Uma vez que a pedagogia engajada ressalta a importância do pensamento independente e de cada

estudante encontrar sua voz, que é única, esse reconhecimento geralmente empodera os estudantes. Isso é importante, sobretudo, para estudantes que, de outra forma, não sentiriam que são “dignos”, que podem contribuir com a discussão.

A pedagogia engajada pressupõe que todo estudante tem uma contribuição valiosa para o processo de aprendizagem. No entanto, não pressupõe que todas as vozes devem ser escutadas em todos os momentos ou que todas as vozes devem ocupar a mesma quantidade de tempo. Desde o início da minha carreira como estudante universitária e nos primeiros anos como professora, estudei em salas nas quais os professores eram quase obsessivos quanto à “justiça”. Para eles, isso significava que todos os estudantes deveriam ter a mesma quantidade de tempo para falar e que todas as vozes deveriam ter o mesmo peso de importância — o que, com frequência, levava a situações em que estudantes que não estavam preparados falavam sem parar. Em uma sala de aula engajada, estudantes aprendem o valor de falar e de dialogar, e também a falar quando têm uma contribuição significativa a fazer. Compreender que todo estudante tem uma contribuição valiosa a oferecer para a comunidade de aprendizagem significa que honramos todas as capacidades, não somente a habilidade de falar. Estudantes que são excelentes na escuta ativa também contribuem muito para formar a comunidade. Isso procede também em relação a estudantes que talvez não falem com frequência, mas que, quando falam (às vezes, somente quando são demandados a ler o que escreveram), a importância do que têm a dizer vai muito além da de outros estudantes que sempre discutem abertamente. E, claro, há momentos em que o silêncio ativo, a pausa para pensar antes de falar, acrescenta muito à dinâmica da sala de aula.

Quando os estudantes estão totalmente engajados, os professores deixam de assumir sozinhos o papel de liderança na sala de aula. Em vez disso, a liderança funciona mais como uma cooperativa, na qual todas as pessoas contribuem para assegurar que todos os recursos sejam utilizados, para garantir o bem-estar no aprendizado ideal para todos. Em última análise, todos os professores querem que os estudantes aprendam e vejam a educação como meio de autodesenvolvimento e autorrealização. Em *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*, afirmo: “Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos. Isso vale especialmente para os alunos”. A pedagogia engajada é essencial a qualquer forma de repensar a educação, porque traz a promessa de participação total dos estudantes. A pedagogia engajada estabelece um relacionamento mútuo entre professor e estudantes que alimenta o crescimento de ambas as partes, criando uma atmosfera de confiança e compromisso que sempre está presente quando o aprendizado genuíno acontece. Ao expandir o coração e a mente, a pedagogia engajada nos torna aprendizes melhores, porque nos pede que acolhamos e exploremos juntos a prática do saber, que enxerguemos a inteligência como um recurso que pode fortalecer nosso bem comum.

ensinamento 8 conversação

A pedagogia engajada produz aprendizes, professores e estudantes autônomos, capazes de participar inteiramente da produção de ideias. Como professores, nosso papel é conduzir nossos estudantes na aventura do pensamento crítico. Aprendendo e conversando juntos, rompemos com a noção de que a experiência de adquirir conhecimento é particular, individualista e competitiva. Ao escolher e nutrir o diálogo, nós nos envolvemos mutuamente em uma parceria na aprendizagem. Na maioria das salas de aula, professores apresentam o material e estudantes o recebem passivamente — ou confiam à memória o que o professor diz ou fazem anotações para se lembrar. A maioria dos estudantes raramente lê essas anotações depois da aula. Ao regurgitar com sucesso o material, eles sentem que não há necessidade de se apegar ao conhecimento, utilizado para atender às demandas do curso. Ao olhar para trás, quando penso em meus anos de graduação, o que mais me lembro não é da energia e do conteúdo das apresentações, mas sim das conversas geradas por debates em sala de aula.

Em grande parte, a aquisição de conhecimento chega até nós, na vida diária, por meio de conversas. Como ferramenta de ensino, dentro e fora da sala de aula, a conversação é

incrivelmente democrática. Todas as pessoas falam, todas as pessoas se envolvem em conversas. Em *Learning Redefined* [O aprendizado redefinido], Dennis Rader exalta o poder da conversa:

A conversação contém diálogo, a troca de compreensões e sentidos no empenho para construir em meio à informação. A conversação é sempre inclusiva; ela incentiva e alimenta a voz individual enquanto se esforça para desenvolver uma visão de comunidade.

Em todas as raças, classes e gêneros, todas as pessoas se envolvem em conversação. E todo mundo se lembra de uma boa conversa, quando as ideias mutuamente compartilhadas incrementaram nossa compreensão, o compartilhamento de humor e sabedoria estimulou nossa capacidade de pensar criticamente e permitiu que nos engajássemos em uma troca dialética.

Grande parte do ensino que atualmente pratico começa com uma longa aula expositiva. Ainda que concorde em palestrar, vejo o monólogo como a ferramenta menos útil para a transmissão de ideias. Uma vez que o público, em sua maioria, não tem a habilidade de ouvir ativamente, muito da informação oferecida em palestras se perde. E, frequentemente, o que não se perde é mal compreendido. O futuro do ensino está no cultivo de conversas, de diálogo. Concordo com Rader que “a conversa revela a sagacidade, ou a falta dela, no apresentador”. Mais importante: ao conversar com professores e estudantes sobre como e quando ocorrem os momentos mais empolgantes do aprendizado, repetidas vezes escuto sobre a primazia da conversa.

Nós, que reconhecemos o valor da conversa como chave para a aquisição de conhecimento, também sabemos que

vivemos em uma cultura na qual várias pessoas não dispõem de habilidades básicas de comunicação, porque na maior parte do tempo são consumidoras passivas de informação. Tanto a televisão quanto o computador ajudam a promover o aprendizado passivo. Várias teorias feministas que examinam com olhar crítico as construções de masculinidade demonstram que, para fazer garotos se tornarem adultos patriarcas, a sociedade os treina para valorizar o silêncio acima da fala. Eles podem acabar se tornando pessoas que ou não sabem falar ou, quando falam, somente conseguem se engajar em um monólogo. Essas são as pessoas que impõem sua fala, que, ao se recusarem a conversar, promovem e mantêm uma hierarquia de dominação em que a retenção dá a uma pessoa poder sobre a outra. Conversa sempre envolve doação. A conversa genuína é compartilhamento de poder e conhecimento; é uma iniciativa de cooperação.

Em uma conversa em grupo com Paulo Freire, há mais de trinta anos, eu o ouvi afirmar enfaticamente que “não podemos entrar na luta como objetos para depois nos tornarmos sujeitos”. Essa afirmação ressoou em mim. Ela afirmou a importância de eu me encontrar e ter uma voz. Falar, ser capaz de nomear, era uma forma de reclamar para si a posição de sujeito. Vários estudantes frequentemente sentem que não têm voz, que nada do que dizem vale a pena ser ouvido. Por isso é que a conversa se torna uma intervenção tão importante, porque não só abre espaço para todas as vozes como também pressupõe que todas as vozes podem ser ouvidas.

Um modelo de aprendizado baseado na conversa é útil principalmente quando a sala de aula é diversa. Todos nós fomos, em alguma medida, socializados para nos sentir confortáveis em escutar ou falar durante uma conversa, de modo que é

menos provável que se ergam barreiras defensivas. Nos debates em sala de aula que não são conversas, é comum a ideia de que apresentar argumentos e refutações é a única maneira de abordar questões relevantes. Discussões baseadas em conflitos quase sempre convidam a mente a se fechar, ao passo que a conversa como meio de interagir nos provoca a abrir a mente. Com muita frequência, professores temem que, se uma conversa se iniciar em sala de aula, isso impedirá o debate da leitura obrigatória, do que interessa — pelo menos para eles. No entanto, a conversa consciente, a fala que é poderosa e energética, sempre destaca o que realmente importa. Quando conversas na sala de aula levam ao diálogo intenso, estudantes se engajam no material obrigatório com uma consciência aumentada. Rader acredita que a “conversação — a verdadeira conversação — é a forma de limpar venenos tais como pressupostos falsos, preconceitos, ignorância, desinformação, falta de perspectiva, falta de imaginação e teimosia do sistema”. Ainda que não seja produtivo se envolver em diálogos negativos quando a intenção é antes ganhar a disputa que compartilhar ideias, conversas que nos ensinam podem acontecer em alto volume e ser enérgicas; elas podem ser ferozes. No livro *Fierce Conversations: Achieving Success at Work and in Life, One Conversation at a Time* [Conversas ferozes: como ter sucesso no trabalho e na vida, uma conversa de cada vez], a autora Susan Scott nos incentiva a repensar a palavra “feroz”, explicando que “no dicionário de sinônimos Roget [...] a palavra *fierce* [feroz] tem os seguintes sinônimos: robusto, intenso, forte, poderoso, apaixonado, ávido, desenfreado, incontido, indomável”. Pode ser o lugar onde o conhecimento adquirido permanece conosco, nos proporcionando poder para abandonar o medo e

a insegurança, e encontrar o lugar da compaixão e da conexão. A compaixão cria um espírito de tolerância; ela intensifica o anseio por se comunicar, por compreender.

Rader insiste que a conversa promove compreensão, o que ele vê como um “tipo diferente de saber, mais consciente do todo e de suas variáveis interativas”. Ao expandir a explicação, ele compartilha este *insight*:

Conversas são poderosas. Elas podem nos redirecionar para diferentes definições e diferentes caminhos. Elas nos ajudam a olhar para questões complicadas a partir de diferentes perspectivas à medida que as viramos de um lado para outro e nos esforçamos para construir um novo entendimento.

Conversas não são unidimensionais; elas sempre nos confrontam com diferentes formas de enxergar e de saber. De acordo com Rader, elas geram “engajamento e contribuição”.

Várias ideias neste artigo e neste livro estiveram presentes em conversas entre mim e o educador Dennis Rader. Quando sentia que meus processos internos de pensamento não estavam tão energizados quanto eu queria, eu falava com Dennis e sentia uma energia renovada. Ao escrever este artigo curto, comecei a me preocupar com o fato de que era impossível determinar onde minhas ideias terminavam e onde as dele começavam. Isso me fez pensar novamente sobre a natureza democrática do aprendizado por meio da conversa. Há muita obsessão nos círculos acadêmicos em torno da propriedade das ideias. A competição pelo respeito acadêmico faz indivíduos terem uma necessidade desesperada de ser “a pessoa” que primeiro teve uma ideia. Na realidade, ideias estão sempre

circulando. Elas se renovam quando nos envolvemos em reflexões críticas internas, em conversas internas que dão expressão nova a um pensamento comum.

Nas oficinas sobre ensino que facilito durante debates em sala de aula, os caminhos para o aprendizado expressos na conversação são os que atraem os ouvintes, nutrindo-os intelectualmente. Tenho esperança de que futuros educadores conversem cada vez mais, entre si e com os estudantes, de modo que o modelo da conversação enquanto caminho para o aprendizado seja considerado legítimo como espaço genuíno para o pensamento sério e rigoroso.